

## FICHA TÉCNICA

### Titulo

Pelos Caminhos do Douro...  
Pela Calçada de Alpajares

### Coordenação

Nelson Rebanda

### Design gráfico

SerSilito, Maia

### Edição

Comissão Executiva das Comemorações dos 250 Anos  
da Região Demarcada do Douro

### Colaboradores

Afonso Menezes  
Anabela Amado  
António Almeida Monteiro  
Emília Novo  
Nelson Rebanda  
João Paulo Castanho

### Fotografias

Imediático, publicidade e artes gráficas, Lda.  
Afonso Menezes  
Anabela Amado  
António Almeida Monteiro  
Emília Novo  
Nelson Rebanda  
João Paulo Castanho  
Carlos Carrapato  
Floris  
João Cosme  
Arquivo PNAD - Espanha

### Agradecimentos

Parque Natural do Douro Internacional  
Instituto Geográfico do Exército

### Impressão

SerSilito, Maia

### Tiragem

1.000 exemplares

### Depósito legal

0000

### Ano de edição

Setembro 2006

## Índice

### Pelos Caminhos do Douro...

#### Pela Calçada de Alpajares

Pela Calçada de Alpajares...	
de Freixo de Espada à Cinta a Barca de Alva. . . . .	7
Caminhos: onde começam e onde acabam? . . . . .	7
O caminho antigo de Freixo de Espada à Cinta a Barca de Alva e a calçada de Alpajares.. . . .	7
Percurso actual de Freixo de Espada à Cinta até Poiares e outras opções. . . . .	10
Outros roteiros, guias e percursos organizados, sobre a zona considerada. . . . .	13
Sobre o presente roteiro . . . . .	16

#### Fauna



Fauna da Ribeira do Mosteiro no contexto do Parque Natural do Douro Internacional . . . . .	19
Bibliografia . . . . .	31

#### Flora



Flora e Vegetação do Douro na envolvente do Maciço de Poiares . . . . .	33
Bibliografia . . . . .	41

#### Geologia



Geologia da Zona de Alpajares-ribeira do Mosteiro . . .	43
Geo-história e Enquadramento Estrutural . . . . .	43
Bibliografia . . . . .	50
Pontos de interesse geológico ao longo do percurso . . .	51

#### História e Património Cultural



O Elemento Humano no Espaço e no Tempo da Calçada de Alpajares . . . . .	61
Pontos a observar . . . . .	77
Bibliografia . . . . .	79

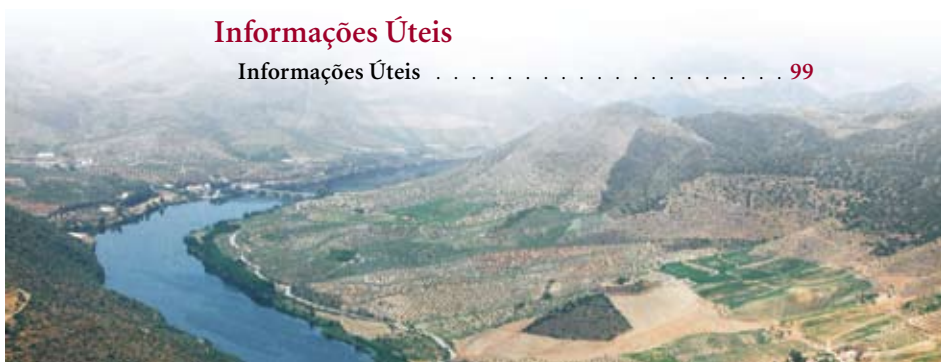


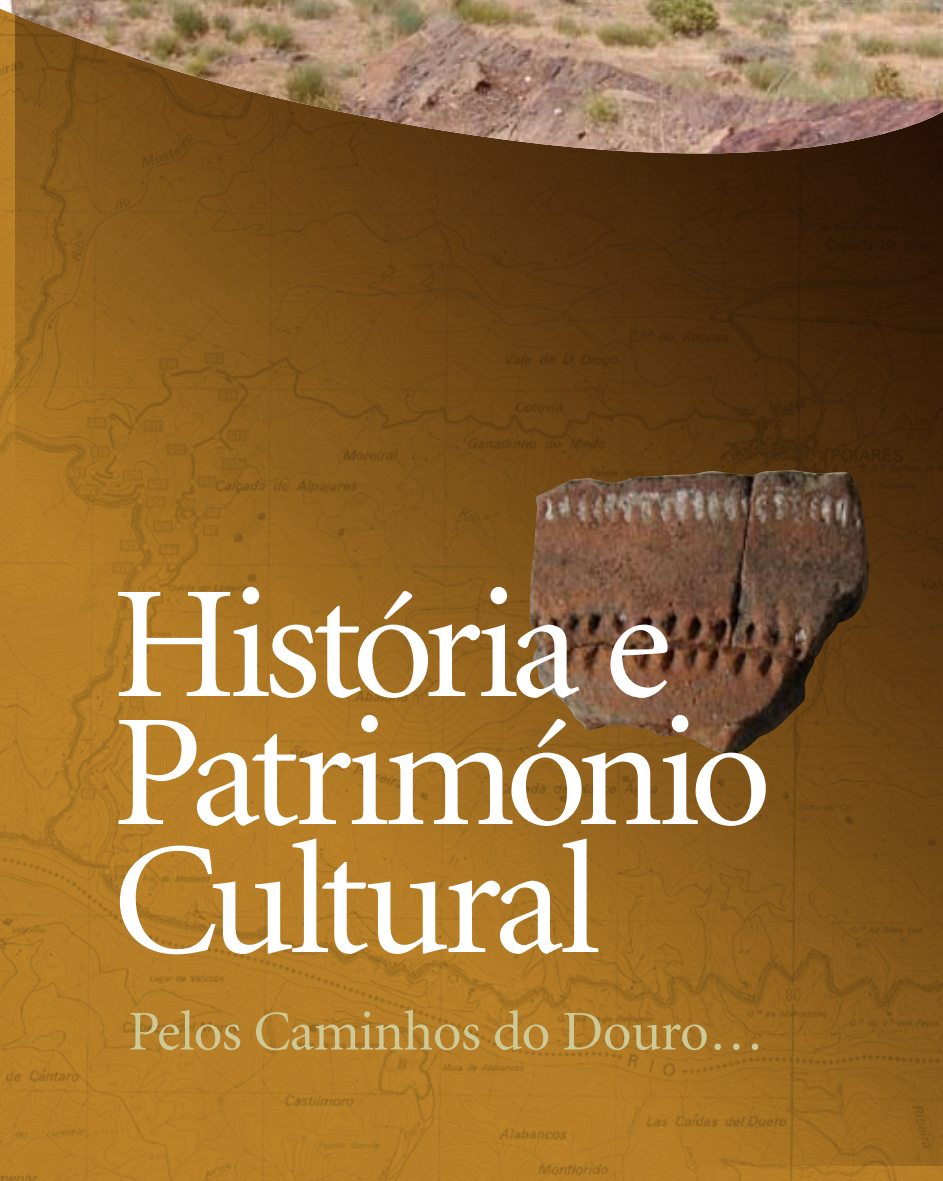
#### Antologia

Breve antologia literária em redor e de Alpajares . . . .	83
---	----

#### Informações Úteis

Informações Úteis . . . . .	99
-----------------------------	----





# História e Património Cultural

Pelos Caminhos do Douro...

## O Elemento Humano no Espaço e no Tempo da Calçada de Alpajares

Nelson Rebanda

Técnico Superior do IPPAR requisitado pela Câmara Municipal de Torre de Moncorvo

Na antiquíssima história do planeta Terra (ver capítulo da Geologia), um novo personagem vai surgir, adoptando progressivamente uma marcha bípede, aprendendo a utilizar e construir instrumentos, a fazer o fogo, a construir abrigos e, finalmente, sendo capaz de articular uma linguagem, o que terá contribuído exponencialmente para o desenvolvimento da sua inteligência. Estamos a falar obviamente do Homem.

Hoje é ponto assente que esse fenómeno, chamado de “Hominização” principiou em África há mais de 2 milhões de anos, e que, os primeiros “hominídeos” a deixarem o berço africano e a espalharem-se pelo continente Euro-asiático, pertenciam a uma espécie mais evolucionada, conhecida pelos estudiosos como *Homo Ergaster*, o qual viveu há cerca de 1.500.000 anos, tal como o seu parcialmente contemporâneo *Homo Erectus*, cuja presença há 500.000 anos nos aparece bem documentada em alguns pontos da Ásia e da Europa. Mas as descobertas arqueológicas não param e, nos anos 90 do séc. XX, foi descoberto em Espanha, no curso alto da bacia do Douro (em Atapuerca) um hominídeo excepcionalmente antigo, baptizado como *Homo Antecessor*, que, segundo alguns, seria uma forma evoluída de *Homo Ergaster*. Foi-lhe atribuída uma antiguidade de cerca de 800.000 anos e colocou-se a hipótese de estar na origem quer do tipo *Homo de Neanderthal* que se extinguiu há cerca de 30.000 anos, quer do *Homo Sapiens* (a nossa espécie actual).

Não sabemos se em tempos tão remotos algum destes primeiros seres humanos arcaicos poderão ter chegado à zona de que estamos a tratar. Não temos dúvidas é de que, na fase das últimas grandes glaciações (períodos da história terrestre excepcionalmente frios, em que o gelo e as neves cobriam grandes extensões), os *Homo Sapiens* nossos antepassados andaram por aqui, ao longo do vale do Douro e territórios limítrofes, vivendo da caça e da recolha de alimentos silvestres. Neste aspecto, os terraços da Qt<sup>a</sup>. de Alva e Barca de Alva, bem prospectados, poderão dar-nos algumas indicações nesse sentido. No período final do Paleolítico (Idade da Pedra Lascada), conhecido por Paleolítico Superior (entre 30.000 e 10.000 anos), encontramos vestígios destes primeiros homens, compostos por gravuras rupestres e alguns objectos em pedra lascada, mesmo



no concelho de Freixo de Espada à Cinta, em Mazouco, sobre o Douro, em Siega Verde, sítio que fica nas margens do rio Águeda (afluente do Douro que desagua em Barca de Alva) e nos vales do Cóa e do Sabor, ambos também afluentes do Douro.

Estes achados vieram comprovar a existência de uma arte rupestre de ar livre, parecendo confirmar que umas pinturas rupestres existentes na imediação da calçada de Alpajares, conhecidas por Fraga do Gato (Foto 2), são efectivamente do Paleolítico Superior<sup>1</sup>. Estas pinturas são figurativas, inscrevendo-se no chamado estilo naturalista,

uma característica da arte do tempo da última glaciação (chamada de Würm) e representam dois animais (uma lontra, delineada a ocre avermelhado e um mocho, ou talvez um bufo, pintado em tons de negro), além de outros traços a negro, hoje quase imperceptíveis, e finíssimos traços grafitados. Muito se tem discutido sobre o significado e as motivações da arte rupestre. É opinião aceite entre os especialistas que os animais representados teriam o valor de “signos”, o que pressupõe que haveria destinatários capazes de decodificar/entender essas mensagens, fossem eles humanos ou seres espirituais. Também se pensa que os seus executantes seriam xamãs (espécie de bruxos), medianeiros entre a vida terrena e o mundo dos espíritos. Não estando nós hoje em poder dessas “chaves” nem de grandes certezas, tudo o que se possa dizer é algo especulativo. Poderíamos eventualmente chegar a algumas conclusões através da verificação de constantes, a partir da arte rupestre europeia (sobretudo localizada na zona franco-cantábrica), ou seja, verificando a predominância de certas associações de figuras animais, sua localização, etc., tal como tentou o eminente pré-historiador francês A. Leroi Gourhan, nos anos 60-70 do séc. XX. No entanto, essas tentativas parecem ser o mesmo que agarrar uma som-

<sup>1</sup> Tal como sempre defendeu o signatário deste capítulo, que juntamente com o Dr. F. Ochoa Morgado, identificou essas pinturas e primeiramente as revelou em 1986, no 1º. Congresso Internacional sobre o Rio Douro, realizado em Vila Nova de Gaia, e a elas se referiu noutros contextos posteriores.



Câmara Freixo E. C.

Foto 1 (Aérea)– Vale da ribeira do Mosteiro



Foto 2 – Fraga do Gato. Pinturas rupestres.

N. Rebenda

bra, pois as excepções acabam sempre por furar as teorias.

No caso da Fraga do Gato, é nossa opinião (provisória) que se trata de uma mitografia, ou seja, sendo ambas as representações contemporâneas uma da outra, e podendo datar-se do final do Paleolítico Superior (há 8.000 a 10.000 anos), poderiam ilustrar um mito ou uma qualquer história das origens, uma vez que se trata de um animal anfíbio (lontra), que liga a terra e a água e um animal voador (mocho ou bufo), mas também associado às rochas (elemento céu e terra), além de ser, ainda hoje, associado a agoiros e presságios, à noite e ao mistério, devido aos sons que emite e que assustam os humanos. Poderão ainda ser vistos como guardiães (espíritos tutelares) do vale do ribeiro do Brita e da ribeira do Mosteiro, das suas rochas e das suas águas que convergem mais abaixo (ver Foto 1). Tudo isto nos faz supor que a actual calçada se sobrepôs a um trilho ancestral, primeiro definido pelos animais (cabras ou até auroques e cavalos) transumando entre as ter-

ras baixas do vale do Douro e as zonas altas de Poiares e planalto de Freixo. Na sua peugada andariam os predadores, nomeadamente os humanos que, nesse período se alimentavam essencialmente da caça e da recolha de alimentos silvestres, o que os obrigava a deslocamentos constantes (nomadismo), em busca de novos territórios de caça. As características assombrosas das escarpas que delimitam Alpajares, suscitarão já, nesse tempo como hoje, algum receio, admiração, temor e respeito, sentimentos que estão na base das manifestações do sagrado. O próprio trilho seria, ele mesmo, uma linha sagrada. Nas rochas das imediações, em certas cavidades existentes, encontraria o homem desses tempos excelente abrigo para as inclemências do clima, aqui mais ameno e mais abrigado do que nas terras altas, o que é mais um argumento a favor da presença humana nestes vales afluentes do Douro e no próprio Douro.

Entre os 10.000 e os 6.000 anos antes da nossa era (cronologias para a maior parte da península Ibérica), entra-se num período de transição do Paleolítico para o Neolítico (Idade da Pedra Polida), uma nova fase da vida da Humanidade caracterizada pela domesticação dos animais, primeiras práticas agrícolas, com novo tipo de instrumentos (machados e enxós em

Foto 3 – Castro de S. Paulo, vista geral



N. Rebanda

pedra polida) e, consequentemente, uma fixação em aldeamentos. O enterramento dos mortos, no final deste período, fazia-se em câmaras de pedra (normalmente grandes), cobertas de terra e pedras, de que restam vestígios em muitas regiões da península Ibérica e Norte da Europa (fachada atlântica). São as antas ou dólmens. A existência de vários destes monumentos (ditos megalíticos) próximos desta região, em Cerralbo (Espanha), deixa suspeitar que os primeiros agricultores neolíticos se tivessem instalado por aqui, sobretudo no vale da Barca de Alva.

Já no período da Idade dos Metais, o povoamento tende a procurar os pontos altos, de que iriam resultar, em alguns casos, os chamados “castros” da Idade

do Ferro (povoados no alto dos montes, rodeados de muralhas). No topo da calçada, no monte de S. Paulo (Foto 3), existe um destes “castros”, porém com as muralhas muito destruídas pela actividade agrícola dos últimos séculos. Do seu lado Sul e lado Este, este cabeço encontra-se bem protegido por escarpas e grandes rochedos, pelo que só na vertente Norte e Oeste houve necessidade de se construir muralhas. O povoamento deste local parece remontar à Idade do Bronze, o que podemos afirmar a partir do achado de raros vestígios de fragmentos de cerâmica característicos deste período (Foto 4) e de umas pinturas esquemáticas a ocre, descobertas há poucos anos, próximo da ribeira do Mosteiro.

Contudo, é na Idade do Ferro que este tipo de povoados adquire a sua máxima expressão, habitados por povos que se crê poderem ter recebido influências célticas ou até miscigenados com estes invasores que, por volta de 500 anos a. C. (antes de Cristo), terão penetrado na península Ibérica, distribuindo-se sobretudo pelo Noroeste peninsular. Nestes séculos que antecedem a invasão romana, muitos são os povos, mais ou menos celtizados, cujos nomes chegaram até nós, através dos registos dos primeiros romanos (já conhecedores da escrita). Além dos famosos Lusitanos, que viviam a Sul do



Foto 4 – Fragmento de vaso decorado da Idade do Bronze

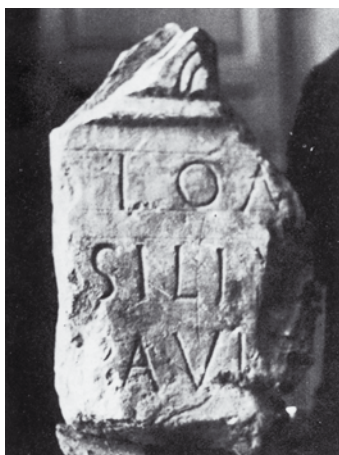


Foto 5 – Fragmento de inscrição romana, do Castro de S. Paulo

N. Rebanda

Santos Júnior

Douro ocupando grande parte do território que é hoje Portugal, tínhamos os Galaicos a Norte do Douro, desde o litoral até aproximadamente ao rio Tua e, ocupando grande parte do actual distrito de Bragança e da região espanhola de Aliste, encontrava-se um ramo dos Ástures, conhecidos por Zelas (ou Zoelas). Não sabemos se o limite Sul do território zela chegava aos concelhos de Torre de Moncorvo e Freixo de Espada à Cinta, havendo quem chegasse a defender que, nesta zona, poderiam os lusitanos ter passado os limites do Douro<sup>2</sup>, o que é muito duvidoso. Parece-nos mais provável que os “castros” da margem direita do Douro, de Miranda a Barca de Alva, fossem zelas, recebendo aqui possíveis influências dos seus vizinhos Vettones, que viviam na margem oposta do

Douro, na parte hoje espanhola. Em comum teriam o culto de umas esculturas de animais (porcos, javalis ou touros), conhecidas como “berrões”. Não se conhece nenhum berrão achado no “castro” de S. Paulo, mas, no concelho de Freixo de Espada à Cinta, têm aparecido muitos fragmentos destes ídolos (Santa Luzia, Mazouco, Fornos)<sup>3</sup>.

Em todo o caso, podemos afirmar que o “castro” de S. Paulo e o possível “castro” de Alva, se localizam numa encruzilhada de influências de Ástures, os Zelas (a Norte), Vettones (a Este) e Lusitanos (a Sul do Douro). Estruturando essas ligações o caminho de Alpajares teria funcionado como uma linha de comunicação (pontualmente guerreira) a nível local e regional, ligando os territórios dos mencionados povos.

Com a efectivação do domínio romano, ao longo do séc. I a.C. e I. d.C., e o desenvolvimento das comunicações inter-regionais,

2 Ver Alarcão 1990, p. 30

3 Ver J. R. dos Santos Júnior, *Os berrões proto-históricos do Nordeste de Portugal*. Porto, 1975.



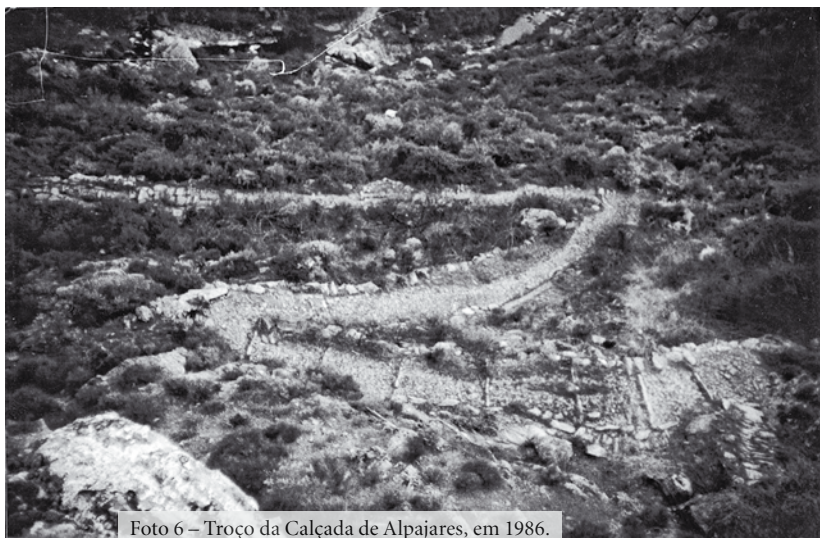


Foto 6 – Troço da Calçada de Alpajares, em 1986.

N. Rebanda

esta rota deve ter ganho particular interesse, pois o vale do Mosteiro representava um corredor de passagem importante para quem viesse da região de entre Águeda e Côa, para as terras de Entre-Sabor-e-Douro, especialmente se tivermos em conta o elevado número de castros romanizados que se alinham nos altos da margem direita do Douro. No castro de S. Paulo existem, à superfície, fragmentos de telha romana (a chamada *tegula*) e, entre outros vestígios, encontrou-se, há muitos anos, um fragmento de inscrição funerária desta época, em mármore (ver Foto 5)<sup>4</sup>, que testemunha uma relação com os Zelas, pois estes usavam o mármore das minas de Vimioso para o mesmo fim. Em todo o caso, voltando ao caminho de Alpajares, não é crível que a calçada, tal como ela hoje se nos apresenta, seja da época romana. O caminho deveria seguir sobre as rochas, com alguma retenção de terra (tipo plataforma) onde se justificasse, através de muretes, eventualmente com algumas lajes, mas sem a forma elaborada ainda hoje patente (Foto 6).

De resto, não faltam vestígios de ocupação romana nestas redondezas. Por exemplo, em Alva, o antiquário Coelho Gasco (séc. XVII) registou uma inscrição romana dedicada a Júpiter, e aí se encontraram outros vestígios, nomeadamente moedas dos finais do império romano; na Qt<sup>a</sup>. da Malhadinha (local dos Exidos)<sup>5</sup>, também se encontraram indícios; o mesmo nos sítios de S. Caetano e de St<sup>a</sup>. Luzia (a caminho de Mazouco), sendo possível que mesmo Freixo

<sup>4</sup> Santos Júnior 1980, est. VIII.

<sup>5</sup> Ver Santos 1955/1970, p. 95-96.



Foto 7 – Castro de S. Paulo.  
Sepulturas medievais

Imediato

de Espada à Cinta tivesse origem romana.

Com o fim do império romano (séc. V) e as migrações bárbaras, constituem-se inicialmente dois reinos na península Ibérica: o dos Suevos, no noroeste, que abarcaria esta região e o poderoso reino visigótico, que acabaria por absorver o primeiro, tornando-se a península um só reino, com capital em Toledo. Este reino visigótico – integrando os suevos derrotados e as populações hispano-romanas, tendo já como religião o cristianismo – acabaria por ser

invadido pelos adeptos da religião muçulmana (os chamados mouros), de origem árabe e berbere. Depois da derrota dos cristãos na batalha de Guadalete, em 711, em poucos anos os árabes ficaram senhores da Península, com excepção de uma bolsa de resistência acantonada nas Astúrias, no norte de Espanha. A partir daqui, ainda no séc. VIII, vai organizar-se um movimento conhecido historicamente por “Reconquista”, que está na base da formação de diversos reinos cristãos: Leão, Castela, Navarra, Aragão e, em dado momento, a partir do condado portugalense, o reino de Portugal (séc. XII). É um período obscuro, difícil de se estudar regionalmente, quer por ausência de vestígios arqueológicos característicos, quer por escassez documental.

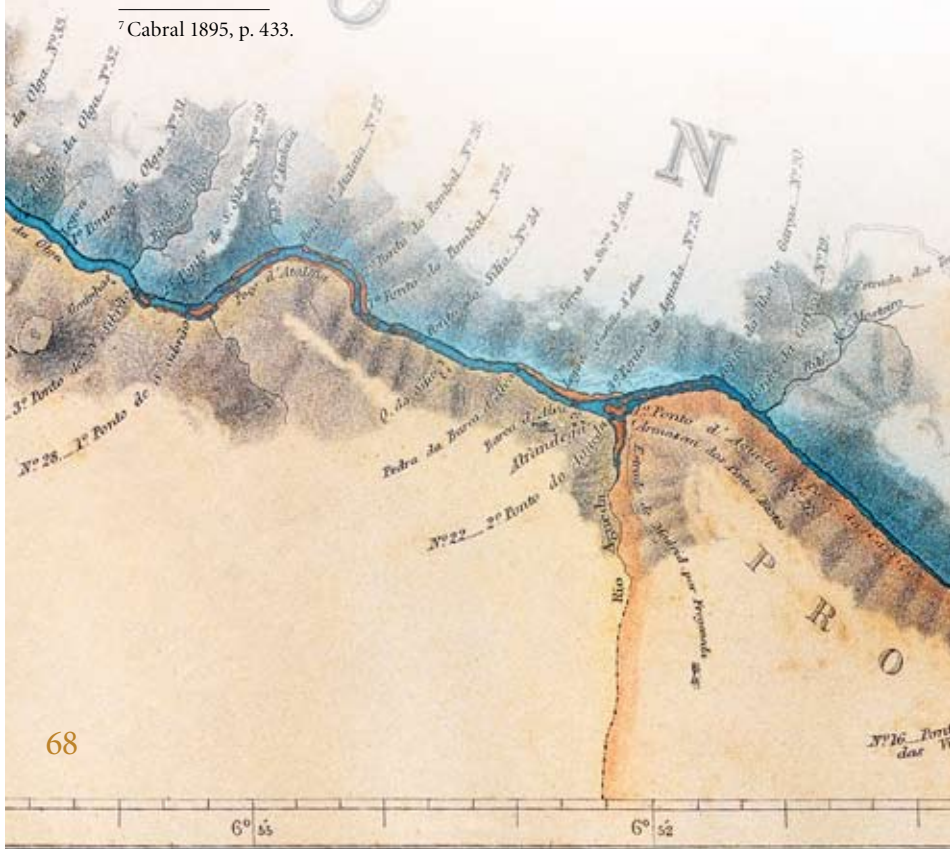
Ainda no período suévico-visigótico, nos primórdios da organização eclesiástica cristã, parece haver referência a um *pagus* (aldeia) de Alba (ou Alvia), como paróquia primitiva desta região, o que diz da sua importância, herdada dos tempos romanos. Com as guerras da Reconquista, é possível que a sua localização, numa zona de vale, não fosse a melhor, tornando-se mais vulnerável, pelo que o velho “castro” de S. Paulo, numa eminência rochosa, funcionando como porta de entrada para as terras altas de Poiares, Freixo de Espada à Cinta, Mogadouro e terra de Miranda, adquirisse um papel mais relevante como local estratégico<sup>6</sup>. Assim se explicam os indícios de ocupação medieval deste lugar, como por exemplo as sepulturas escavadas na rocha (Foto 7), que estariam associadas a uma primi-

<sup>6</sup> Ver Campos & Rodrigues 2005, 326-327.

tiva igreja ou capela, depois dedicada a S. Paulo (onde hoje se encontra um pombal).

Num tempo em que os territórios a sul do Douro funcionaram como uma “extremadura” (limite) ou zona tampão entre duas culturas e duas religiões antagónicas, o corredor de passagem do vale da ribeira do Mosteiro adquiriu seguramente um valor estratégico. Assim, um amontoado de pedras no alto do interflúvio ribeiro do Brita/ribeira do Mosteiro, podem ter sido de um facho ou atalaia. O próprio topónimo Candedo (de candeias), sugere a ideia de sinais luminosos em tempo de guerras. E dá que pensar que o Barão de Forrester, no seu Mapa do Douro Português e do Pais Adjacente, publicado em Inglaterra 1848 (ver gravura em baixo), tenha assinado a calçada de Alpajares como “estrada dos Templários”, além de um ponto a que chama “convento dos Templários”. Seria um devaneio romântico e exotérico típico do séc. XIX, ou será que recolheu alguma tradição nesse sentido? Não deixa de ser curioso o topónimo “Mosteiro”, que se coaduna com este período, embora se lhe desconheça a localização. Já em 1895, o engº Afonso Pereira Cabral<sup>7</sup> dissertava sobre o assunto, dizendo que o nome da ribeira “recorda efectivamente a existência de um antigo mosteiro, talvez o convento

<sup>7</sup> Cabral 1895, p. 433.



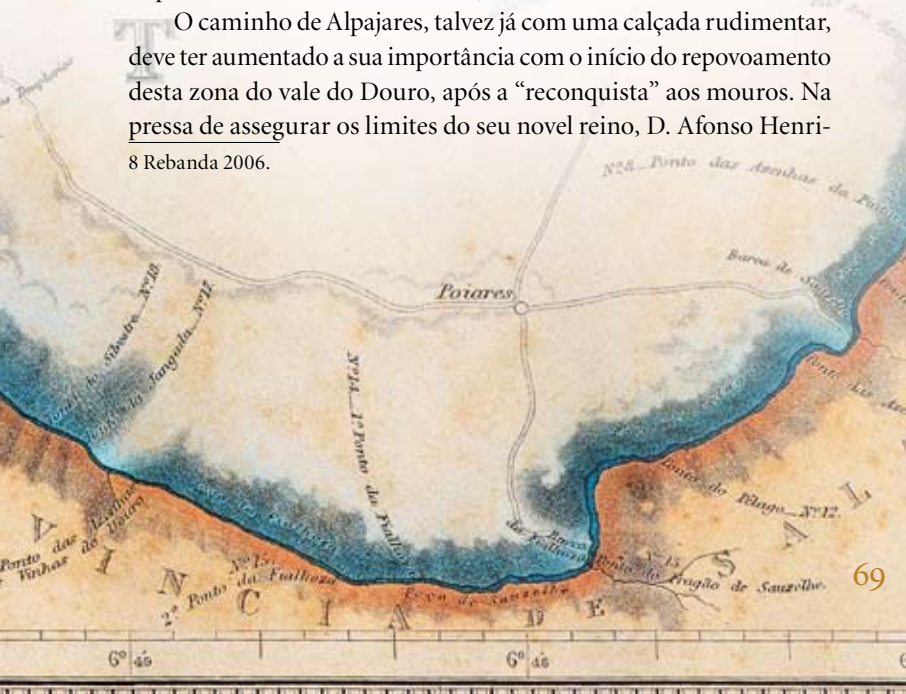


dos Templários, indicado no mapa de Forrester, talvez uma simples albergaria que dizem ter existido próximo à margem daquele ribeiro, ao cimo da célebre calçada de Alpajares”. Seria uma estalagem medieval, mais tarde confundida com um mosteiro? A verdade é que, no XII, os cavaleiros templários, que eram senhores dos castelos de Mogadouro e Penas Róias (por doação de D. Afonso Henriques), deveriam tomar este caminho em direcção a outras terras da ordem, na Beira Baixa, ou mesmo quando se dirigiam ao castelo de Tomar, cabeça da sua ordem no incipiente reino de Portugal.

Alguns autores quiseram ver no topónimo “Alpajares” uma origem árabe, pelo que atribuíram a obra da calçada aos mouros ou a moçárabes (cristãos sob domínio árabe), o que era reforçado pela ligação deste caminho à chamada “estrada mourisca” das terras de Mogadouro-Miranda. Uma vez que o povo tende a atribuir aos mouros tudo o que seja antigo, isto não é critério de segurança. Até porque Alpajares derivará de Balpojares, segundo anotou o primeiro autor que a ela se referiu, A. Coelho Gasco (1633-1636)<sup>8</sup>. Embora o mesmo achasse que o povo pronunciava mal o topónimo, a verdade é que temos duas palavras justapostas: Bal (= vale, na dicção popular) e Pojares (que representa a introdução do “j” na vez do “i”). Com a perda do “B” ou “V”, ficou só o “Al”. Assim, originalmente, o vale do ribeiro do Brita deveria chamar-se “vale de Poiares”. E Poiares deriva de “poio” (= ponto alto, de apoio), havendo vários cabeços com esse topónimo na região (em Urros, concelho de Torre de Moncorvo, ou as pedreiras do Poio, em Foz Côa).

O caminho de Alpajares, talvez já com uma calçada rudimentar, deve ter aumentado a sua importância com o início do repovoamento desta zona do vale do Douro, após a “reconquista” aos mouros. Na pressa de assegurar os limites do seu novel reino, D. Afonso Henri-

<sup>8</sup> Rebanda 2006.





ques concedeu foral a Freixo de Espada à Cinta em 1152. É curioso que nos limites assinalados ao novo concelho, um pouco vagos, se mencione o Penedo Durão e a veiga da Matança, mas não aparece nenhum topónimo a sul de Poiares (que ainda não existiria), pois esta zona pertenceria ao concelho de Alva, por conseguinte, anterior à nacionalidade portuguesa. Um concelho que teve um fim funesto, ao ter-se rendido aos leoneses em 1240, quando um exército comandado por D. Afonso de Molina, irmão do rei de Leão D. Fernando III, entrou em Portugal e apoderou-se de Alva com o consentimentos dos seus habitantes, tendo os leoneses acabado por ser expulsos pela população de Freixo. Como castigo, D. Sancho II extinguiu o concelho de Alva, reduzindo-a a aldeia de Freixo de Espada à Cinta<sup>9</sup>, tendo determinado, segundo Frei António Brandão, que fossem expulsos os moradores que aí moravam aquando do acto da entrega. Antes deste episódio, em 1212, tinha havido uma guerra entre o rei de Portugal D. Afonso II e suas irmãs, por motivo de heranças, tendo estas apelado ao rei leonês e ao papa, de que resultou uma invasão de Portugal, de que resultou a tomada de Melgaço, Valença e Freixo. A invasão por Freixo pode, desta feita, não ter ocorrido pela calçada de Alpajares, mas sim por um ou vários passos do Douro (local da barca de Vilvestre ou Saucelle). Quando à incursão dos de Freixo a Alva para expulsar os leoneses, só pode ter sido pelo caminho de Alpajares

Acreditamos que a pavimentação do velho caminho seja obra medieval, mas de um período em que se consolida a fronteira com Leão e Castela, ainda durante a primeira dinastia dos reis de Portugal. O aumento do tráfego comercial e a progressiva importância da vila de Freixo de Espada à Cinta assim o exigiriam. Sabemos que um produto que vinha do litoral e que entrava em grandes quantidade no reino de Castela, no final da Idade Média e início da Idade Moderna, era o sal, transportado por almocreves. O passo deveria fazer-se em vários pontos: Barca de Alva, atravessando o Águeda, na barca da Fiolhosa (Qtª. de Cova da Barca) e barca de Saucelle. Mas é preciso não esquecer que todas as terras de Entre-Sabor-e-Douro até Miranda e daí para Zamora, também consumiam sal, um produto essencial para a conservação das carnes, sobretudo de porco.

Conforme se disse atrás, o caminho de Alpajares há-de ser imemorial. Contudo, o pavimento da calçada (troço entre o “castro” de S. Paulo e ribº. do Brita) empedrado com seixos do rio e elementos de xisto, com uma largura mais ou menos regular (entre 1,70 m e 2,90 m), muretes de suporte e degraus baixos adaptados ao trote

<sup>9</sup> Herculano 1980, p. 446 e p. 637 (nota de J. Mattoso).

animal e à marcha humana, é obra talvez até da Baixa Idade Média, conservada ao longo dos tempos pela reprodução das mesmas técnicas. Ainda em 1790 o corregedor da comarca de Torre de Moncorvo, José António de Sá, mandava que “se consertassem e reedificassem todas as estradas pela forma melhor possível” determinando o método para alargar, endireitar e cortar as fragas, construir calçada, formar desaguadouros”, etc.<sup>10</sup>. E, entre as estradas mandadas consertar, lá figura, em Freixo de Espada à Cinta a estrada real da Barca de Alva, que seria esta.

Além da calçada havia ainda uma ponte, de um só arco, em alvenaria de xisto, de grande altura (talvez 10 m), localizada a pouco mais de 500 m depois do fim da calçada, que termina no leito do ribeiro do Brita. Dessa ponte hoje só restam os arranques (cerca de 300 m a jusante do pontão de manilhas de cimento da travessia actual), tendo caído, segundo um autor local<sup>11</sup>, na 2ª. metade do séc. XIX, durante uma grande cheia da ribeira, que aí vez embater uma velha amoreira arrastada pela correnteza das águas. Pelas suas características pode ser obra já da Idade Moderna (séc. XVI ou XVII). O *Dicionário* de Pinho Leal (1873) ainda a descreve como existente, e o mesmo parece acontecer no livro de Manuel Monteiro, *O Douro* (1911) – ver Antologia, inserida neste Roteiro.

Pelo seu carácter impressionante, enquanto obra de “engenharia”, integrada numa paisagem com algo de aterrador, com forte carga de mistérios, a calçada de Alpajares e a ponte sobre a ribeira do Mosteiro, alimentaram o imaginário popular, como também já anotava Coelho Gasco: “os caminheiros, para aliviarem o cansaço do caminho, curiosas fábulas dela contam” (ver Antologia, [pág. ....](#)). Uma dessas lendas é a que atribui a construção da calçada ao diabo, a troca da alma de um almocreve que o invocou, numa noite tempestuosa. O diabo-mestre e seus ajudantes diabretes deveriam construir a calçada durante a noite antes de nascer o sol, pelo que, preocupado com as horas, medidas pelo cantar do galo, ia perguntando sempre que cantava o galináceo: “que galo é?” Ao primeiro cantar, um deles respondeu: “é o galo amarelo”. E logo a ordem: “força no martelo!” A seguir, outro galo e a pergunta invariável: “que galo é?” Resposta: “é o galo branco!” – “Então gira o palanco!”... já ao amanhecer, o último galo canta e segue-se a pergunta ansiosa: “que galo é?” e a fatal resposta: “galo preto!” que determinou a ordem: “pára o carroto!” isto no momento em que vinham já uns diabretes com as duas últimas pedras, que, por inerência, ficaram a faltar nas

10 Sousa 1974, p. 72.

11 Santos 1955-1970, p. 34.

## Ruínas de Alva

guardas da ponte. Santos Júnior dá várias versões desta lenda<sup>12</sup>, que, de resto, se conta de várias outras pontes arrojadas e muito antigas, como é o caso da ponte de Misarela.

Ao longo da ribeira do Mosteiro, mas pela margem direita, havia um outro caminho que também vem de (ou vai para) Barca de Alva, sobreposto há muitas décadas pela estrada do Candedo. Este seria o caminho que atravessava a ribeira do Mosteiro abaixo das Alminhas e subia pelo Picão da Ana, ou então contornava a ribeira até à confluência com o rib°. do Candedo, seguindo depois pela Quinta de Santiago para Mós (antiga vila medieval, hoje integrada no concelho de Torre de Moncorvo), e daqui podendo continuar para norte, passando o rio Sabor na Barca de Silhades. Pensamos que por este caminho seria utilizado pelos peregrinos do Riba-Côa e sul de Castela, com destino a Santiago de Compostela, pois não era lógico que fossem pela calçada de Alpajares, que toma outro rumo. Mas, ao contornar o Picão da Ana, esse caminho tem uma ligação ao de Alpajares, encontrando-se com este na vertente superior, na zona da Canada da Pipa. Por ser de subida menos íngreme, embora não menos aterradora, sobretudo se se fosse a cavalo, parece que era utilizado para se subir, sobretudo se fossem senhoras, como regis-

tou Santana Dionísio (ver [págs. ...](#) da Antologia)<sup>13</sup>. Parece que antes de se rasgar a estrada do Candedo, tal caminho, estreito e rasgado na rocha viva, apresentava uma espécie de sulcos, por alguns interpretado como obra de hidráulica romana<sup>14</sup>, e era conhecido por caminho de Marialva (ou Maria Alva), que deu nome à vila de Alva. Reza a lenda, que registámos há muitos anos, que se tratava de uma dama com pés de cabra, a qual vivia no seu castelo de Marialva, mas vinha por Barca de Alva (também propriedade sua) e daí ia muitas vezes a Mós visitar um amante que lá tinha. E ia num carrinho de três rodas, que, pela frequência das visitas, terá escavado sulcos na rocha do caminho<sup>15</sup>.

No que respeita ao lendário, o “canyon” do ribeiro do Brita é um verdadeiro caldeirão de mistérios e de histórias fermentadas pelo imaginário popular. A lenda dos tesouros de Alpajares, aí deixados pelos mouros na sua precipitada fuga para sul, chega a ser pormenorizada, tendo como recurso bibliográfico o diabólico livro de S. Cipriano, como estando entre a Fraga do Gato, a pedra da Sela e a da Cabrinha. Da primeira já demos conta, ao falarmos das pinturas rupestres; a pedra da Sela fica mesmo à beira da calçada e é uma rocha natural em tosca forma de sela, mas que se pode “montar” como se fosse um cavalo, usando uma saliência como estribo; a da cabrinha fica na margem esquerda do ribeiro do Brita, a grande altura, aí diviseando alguns “eleitos” uma cabrinha, algures nos líquenes amarelos (uma curiosidade como o célebre “2” de Miranda). O certo é que a parte inferior da pedra da sela se apresenta muito escavada por acção de sonhadores de tesouros, desde há muitos anos. Há ainda a crença que há um poço no curso do ribeiro do Brita, certamente provocado por erosão hídrica, do qual não se consegue ver o fundo. Ao fundo do mesmo ribeiro, do lado da calçada, consta que está uma rocha, com um minúsculo orifício, onde se consegue ouvir uma tecedeira encantada, quando lá se encosta o ouvido. Há ainda mais acima, na margem esquerda do mesmo ribeiro, o buraco do Choringa, uma cavidade quase inacessível que deve o nome a um velho pastor que, ao ter de deixar de andar com o gado, se quis aí isolar de tudo e de todos, pondo a família em cuidados pelo seu desaparecimento, até aí o encontrarem sentado junto de uma fogueira, como fizera nos seus bons velhos tempos. É contada como história verídica, pas-

13 Em Agosto de 2006, foi-nos dito por uma habitante de Poiães, com mais de 70 anos, que ainda se lembrava das senhoras de Freixo de Espada à Cinta utilizarem a variante do Candedo para irem para a vila, montadas nos animais, em cadeirinhas, e armadas de sombrinhas, quando vinham da estação de Barca de Alva.

14 Cabral 1895, p. 434; Santos 1955-1970, 27.

15 Mais recentemente recolhemos outra versão em que não havia o tal carrinho de três rodas, mas que o caminho fora desgastado pelos cascos da tal senhora.





Foto 9 – Calçada de Alpajares. Laje com gravuras filiformes e covinhas.

sada ainda no séc. XIX ou inícios de XX<sup>16</sup>.

Sobre os viajantes que terão utilizado esta calçada e os que se lhe referiram, será melhor ver a Antologia incluída neste volume, pelo que não vamos deter-nos muito neste aspecto. Deve-se salientar, no entanto, que uma descrição feita no séc. XV, pelo cronista da viagem do barão Leão de Rosmithal, cunhado do rei Jorge, da Boémia, que tem passado como referente à calçada de Alpajares, em rigor não deve ser. Na verdade, os viajantes teutónicos entraram por Freixo, “com um castelo muito grande e belo, que é a primeira forta-

leza do rei de Portugal”, mas depois passam a Torre de Moncorvo e daqui a Alebra (em que alguns, nomeadamente o abade de Baçal, julgaram ver Alva), a que se chega depois de subir um monte muito alto, passando-lhe um rio por baixo que é o Tua<sup>17</sup>. Logo, só pode ser Abreiro. E, a seguir, descreve um bestiário monstruoso de animais fantásticos que por aí pululavam, que bem podiam ser pintados na zona de Alpajares (ver Antologia, [pág. ...](#)).

Nos inícios do séc. XVI (cerca de 1510), desenhador Duarte d’Armas foi incumbido por D. Manuel de desenhar todos os castelos da raia, desde o Algarve até ao Minho. Tendo desenhado as praças fronteiriças das Beiras, e, a seguir, Freixo de Espada à Cinta, é óbvia a sua passagem pela calçada de Alpajares. Algumas vezes o viajante faz-se representar, juntamente com o seu pagem ou auxiliar, nos primorosos desenhos que nos dão uma ideia do urbanismo, da paisagem e da vida dessa época (ver [pág. de abertura da Antologia](#)). Obviamente, o seu *Livro das Fortalezas*, sendo um álbum de desenhos só de castelos, não podia referir-se à calçada.

A primeira referência conhecida à calçada de Alpajares só surge por volta de 1634, pelo antiquário António Coelho Gasco, que a atribui aos romanos. São interessantes também a alusões que faz à fauna (ferozes porcos monteses e águias reais) e à paisagem, anotando já a

presença de laranjeiras e outros citrinos no termo de Poiares, e, por consequência, no vale do Mosteiro<sup>18</sup> (ver Antologia).

Curiosamente, há uma omissão quer nas *Memórias de 1721* enviadas à Real Academia de História, quer nas *Memórias Paroquiais*, que se limitam a falar das ruínas de Alva, onde ainda existia a capela de N. Senhora de Alva. Só no final do séc. XVIII volta a haver uma ligeira referência ao caminho de Alpajares, efectuada no âmbito de uma viagem exploratória, realizada por dois comissários da Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro, desde o Cachão da Valeira até às quedas de Bruçó.

Após a grande obra de rebentamento do Cachão da Valeira (1792) e de remoção de escolhos a montante, os primeiros rabelos chegam finalmente à Barca de Alva em 1811<sup>19</sup> o que trará momentaneamente algum movimento ao caminho de Alpajares, apesar das dificuldades desta navegação. Mesmo assim, dada a quase impossibilidade de acesso carrário ao cais da Barca, pelos caminhos existentes, acabaria por ser aberta, por volta de 1870, uma nova estrada (talvez aproveitando um antigo caminho marginal ao Douro), que corresponde à actual E.N. 221<sup>20</sup>. Esta estrada permitiria, anos depois, o escoamento e o ingresso de mercadorias de e para as terras de Miranda, através do caminho de ferro, que chegou à Barca de Alva em fins de 1887. Assim, o caminho de Alpajares continuaria a funcionar só como um atalho alternativo à estrada, por onde seguiria a diligência e as mercadorias mais pesadas

No séc. XIX, além de uma bela gravura e referência ao caminho dos Templários, incluídas no Mapa do Douro do Barão de Forrester (1848), as descrições também não abundam. Em 1876, quer *O Douro Ilustrado*, do visconde de Vila Maior, quer o *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal (artigo “Poiares”), trazem referências e descrições da calçada.

Já no séc. XX são vários os autores que se referem à calçada de Alpajares, caminho do Candedo, ruínas de Alva e outras antiguidades e valores paisagísticos desta região, como por exemplo; J. M. Martins Pereira, em *As terras de Entre-Sabor-e-Douro* (1908), Manuel Monteiro, em *O Douro* (1911), Joaquim Ramos Taborda, na sua monografia de Freixo de Espada à Cinta (1948), Sérgio Santos,

18 As laranjas (“frutos de espinho”) voltam a ser referidas na *Corografia Portuguesa* do Pe. Carvalho da Costa, vol. 1 (1706), livro II, tratado 1º, cap. II, de onde se comprova a antiguidade desta cultura no vale da ribª. do Mosteiro.

19 Sousa & Pereira 1988, p. 19b.

20 Segundo Santos 1955-1970 (p. 87) esta obra foi realizada por influência de D. José Luís Feijó, 8º bispo de Bragança e Miranda, natural de Freixo, antes do mesmo ter governado a diocese, numa altura em que foi deputado às cortes.



Figura 10 – Vista da zona de Barca de Alva, ilustração extraída do mapa do Douro do Barão de Forrester (1848).

em Roteiro Agreste (1955 e 1970), um trabalho policopiado de grande riqueza informativa, a despeito de algumas ideias que hoje seriam disparatadas, Santana Dionísio, nos anos 60 e 70, tanto no seu *Guia de Portugal*, como no *Alto Douro Ignoto*, Fernando de Sousa e Gaspar Martins Pereira, no *Alto Douro – Douro Superior* (1988).

Foi só pena que Guerra Junqueiro, que por aqui terá passado seguramente algumas vezes, não tenha cantado nos seus versos, de forma mais declarada, a majestade destes cenários dantescos, embora em certas passagens de *Os Simples*, se sinta o influxo da terra a moldar o espírito do homem.

Finda a função viária antiga, que diríamos milenar, e até mesmo a sua utilização local pelos moleiros e pelos últimos lavradores que iam de burro ou em animais muars cultivar, regar e colher as excelentes laranjas da ribeira do Mosteiro, resta-nos agora encarar uma nova função para este monumento. Um monumento que não se restringe ao construído pelo Homem, mas se deve alargar a toda a envolverência natural. Neste sentido alguns passos têm já sido dados, sobretudo no âmbito do Parque Natural do Douro Internacional, para além da investigação de base (sinalética, prospecto com proposta de percurso, visitas guiadas, captivando jovens e menos jovens, das escolas da região ou visitantes urbanos). E, neste capítulo do aproveitamento turístico dos valores da paisagem trasmontano-duriense, Freixo de Espada à Cinta dispõe já de um certo pioneirismo, uma vez que aqui foi construída a primeira estrada turística do distrito de Bragança: o acesso ao Penedo Durão, ainda na década de 50 do séc. XX.

## Pontos a observar

No seguimento do caminho da calçada, a partir de Poiares (não esquecendo q o caminho é um todo, desde as Beiras ou de onde se venha, até onde se vá, para as terras de Miranda), o que podemos observar, em termos de património cultural material, é o seguinte:

A1 – Vestígios de caminho antigo sobreposto pelo actual estradão, na zona dos cactos (figueiras do diabo), próximo da canada do Moreiral;

A2 – Castro do monte de S. Paulo, pombal e sepulturas escavadas na rocha, seguramente relacionadas com a desaparecida capela de S. Paulo – corresponde à cristianização de locais de origem pagã, podendo a dita capela ter origem medieval, uma vez que as sepulturas deste tipo surgem associadas a locais de culto, já no período cristão;

A3 – Calçada. Passando o castro, entra-se no pavimento empedrado que desce em zigue-zagues, formando curvas apertadas (lace-tes), para facilitar a ascensão;

A4 – “Fraga do Gato”. Algures a meio da calçada, mal se vislumbram umas pinturas rupestres representando um mustelídeo (lontra) e possível bufo ou mocho;

A5 – Abrigo natural. Se se sair da calçada no ponto em que ela começa a baixar para a vertente, e se continuar a corta-mato para um esporão sobranceiro à ribeira do Mosteiro, pode-se encontrar uma cavidade que pode ter funcionado como abrigo, na longínqua pré-história, tendo-se mantido a sua utilização até tempos mais recentes, como abrigo de pastor, em dias chuvosos;

A6 – Atalaia (?). Caminhando até à extremidade do esporão que separa o ribeiro do Briga e ribeira do Mosteiro, vê-se um grande amontoado de pedras, descoberto por uma equipa de arqueólogos do PARM, nos anos 80, e então interpretados como podendo ser uma atalaia para vigilância e defesa do caminho;

A7 – Fraga da Sela. Descendo a calçada para o ribeiro do Brita, encontra-se a pedra da sela, uma curiosidade geológica, mas que foi assinalada pelo lendário popular, razão pela qual a sua base, o lado inferior, se encontra bastante escavada por sonhadores de tesouros; mais abaixo ainda, há uma laje de xisto com gravuras (ponto A8);

A8 – Laje com gravuras filiformes e covinhas de cronologia indeterminada (idade do Bronze ou idade do Ferro).

A9 – Moinho. Chega-se ao ribeiro do Brita e entra-se no vale do Mosteiro; saindo do actual estradão que se sobrepôs ao antigo caminho, e metendo-nos por um outro caminho do lado esquerdo, vê-se





Foto 11 – Ribeira do Mosteiro. Antigo moinho dos Maximinos

um moinho de rodízio abandonado. Foi o último moinho que funcionou na freguesia de Poiares e pertenceu à família dos Maximinos. O último moleiro que aí trabalhou vive ainda em Poiares;

A10 – Ponte do diabo. Arranque da antiga ponte cuja construção, tal como a calçada, foi atribuída ao diabo. De cronologia indeterminada, pode remontar ao séc. XVI ou XVII. Foi destruída por enchente da ribeira talvez nos inícios do séc. XX;

A11 – Ruínas de Alva. Chegando à estrada do Candedo, deve-se tomar a direcção de Barca de Alva, embora desviando, ou pouco antes, para a Quinta de Alva. Sendo propriedade privada, é necessária autorização para visitar as ruínas da antiga vila medieval de Alva, de que hoje praticamente só se vêem as muralhas em xisto. O perímetro muralhado tem uma forma de barco, sendo flanqueada por uma espécie de torreão virado para o lado noroeste;

A12 – Minas abandonadas de Riba de Alva. Vestígios de antigos trabalhos de extracção mineira da 1ª. metade do século XX (poços, galerias). Extraía-se aqui o volfrâmio, chelite e fluorite;

A13 – Estação de caminho de ferro. Em Barca de Alva pode visitar a estação de caminho de ferro, onde terminava a linha férrea do Douro, uma obra arrojada da engenharia do séc. XIX. A estação foi inaugurada em 9.12.1887 e foi encerrada em 1988. Tem-se defendido, há vários anos, o restabelecimento da linha até este local, voltando-se a prolongá-la para Salamanca, com intuítos turísticos. Barca de Alva dispõe ainda de um cais de embarque, utilizado por embarcações turísticas que operam no Douro, algumas a partir do Porto. Do outro lado da fronteira definida aqui pelo rio Águeda, os espanhóis têm um outro cais de embarque, chamado de Vega del Torrón.

## Bibliografia

- Alarcão 1990 – Alarcão, Jorge de, “Identificação das cidades da Lusitânia portuguesa e dos seus territórios”, in *Les villes de Lusitanie romaine*. CNRS, Paris, 1990, pp. 21-34.
- Cabral 1895 – “A região vinhateira do Alto Douro desde Barca d’Alva até ao Cachão da Valeira”, in *Boletim da Direcção Geral de Agricultura*, 6º ano, Lisboa, 1985.
- Campos & Rodrigues 2005 – Campos, N. & Rodrigues, M., “Permanências e rupturas nas estratégias de povoamento da Idade do Ferro à Idade Média, na região de Torre de Moncorvo”, in *Cadernos do Museu*, nº. 11 (Actas do Colóquio: Castro, um lugar para Habitar), ed. Museu Municipal de Penafiel, 2005.
- Cruz 1935 – Cruz, A., “Um inédito de António Coelho Gasco sobre Antiguidades de Trás-os-Montes”, in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1935.
- Herculano 1980 – Herculano, Alexandre, *História de Portugal*, vol. 2, Ed. Bertrand, 1980.
- Mercadal 1952 – Mercadal, J. Garcia, *Viajes de extranjeros por España y Portugal*. Madrid, 1952.
- Monteiro 1911 – Monteiro, Manuel, *O Douro*. Porto, 1911.
- Pereira 1908 – Pereira, J. M. Martins, *As terras de Entre-Sabor-e-Douro*, Setúbal, 1908.
- Rebanda 2006 – Rebanda, N., “O antiquário discurso de António Coelho Gasco, preparado para uma visita do arcebispo de Braga D. Rodrigo da Cunha a Freixo de Espada à Cinta (1633-1636?)”, in *Freixeno*, nº. 7, Freixo de Espada à Cinta, 2006.
- Santos 1955-1970 – Sérgio, Sérgio, *Roteiro agreste. Freixo de Espada à Cinta, Poiares*. 1955/1970.
- Santos Júnior 1975 – Santos Júnior, J. R., *Os berrões proto-históricos do Nordeste de Portugal*. Porto, 1975.
- Santos Júnior, 1980 – “O Castelo dos Mouros, castro do Monte de S. Paulo e sua calçada de Alpajares (Freixo de Espada à Cinta)”, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, fasc. 4., vol. 23, Porto, 1980, pp. 373-391 + VIII.
- Sousa 1974 – Sousa, F. de, *A memória dos abusos praticados na comarca de Moncorvo, de José António de Sá (1790)*. Ed. Fac. de Letras da universidade do Porto, Porto, 1974.
- Sousa & Pereira 1988 – Sousa, Fernando de; Pereira, Gaspar Martins, *Alto Douro – Douro Superior*. Ed. Presença, Lisboa, 1988.
- Taborda 1948 – Taborda, Joaquim A. Ramos, *Freixo de Espada à Cinta (monografia)*. Lisboa, 1948.



